

Experiências do ator negro no Teatro de Grupo: Poéticas e Identidades

Adriana Patrícia dos Santos

Programa de Pós-Graduação em Teatro - UDESC

Mestranda – Teatro, Sociedade e Criação Cênica – Or. Prof. Dr. André Carreira

Bolsa CAPES

Resumo: Este artigo refere-se à minha pesquisa de mestrado a qual tem como objetivo realizar um estudo sobre os processos de criação e a especificidade no trabalho do ator negro nos coletivos teatrais contemporâneos no Brasil. Foram abordadas experiências de alguns atores negros no contexto do Teatro de Grupo. O propósito foi levantar questionamentos sobre aspectos identitários da negritude veiculados a partir das práticas teatrais. Para isso este estudo buscou uma compreensão das fronteiras entre identidade cultural e processos/procedimentos de criação do ator; procurando perceber como se dá a relação de técnicas e princípios do trabalho do ator em confronto com a cultura e identidade.

Palavras-chave: ator negro; negritude e teatro; trabalho do ator e identidade.

Esta comunicação refere-se à minha pesquisa de mestrado a qual tem como objetivo realizar um estudo sobre os processos de criação e a especificidade no trabalho do ator negro nos coletivos teatrais contemporâneos no Brasil. O objetivo foi levantar questionamentos sobre aspectos identitários de nossa negritude veiculados a partir das práticas teatrais. O propósito da abordagem deste estudo foi também formular questões relacionadas ao trabalho do ator, técnicas e princípios dessa arte em confronto ao corpo cultural. A partir dessa postura com relação à delimitação do que seria estudado, a escolha dos atores neste trabalho se deu a partir de mapeamento de grupos de teatro que trabalhassem sobre a temática negra e também de grupos que possuam integrantes negros, mas não necessariamente foquem politicamente sobre a questão da negritude. O foco é o aspecto cultural, e não necessariamente o político.

Buscando informações sobre atores e os grupos, orientei-me por indicações de atores, grupos e outros pesquisadores de diversos locais do Brasil. Pensando sempre na viabilidade da pesquisa (acesso a materiais, viagens, dentre outros), na busca de atores com consistência em seu trabalho no teatro, até o momento foi possível delimitar para foco de análise os seguintes atores: Toni Edson (Trupe Popular Parrua – SC), Gal Quaresma (Grupos Os Crespos – SP), Cristiane Sobral (Grupo Cabeça Feita -DF), João Carlos Artigos (Teatro de Anônimo – RJ), Jessé Oliveira (Caixa Preta - RS), Telma Souza, Valdinéia Soriano, Jorge Washington e Lázaro Ramos (Bando Teatro Olodum - BA), Flávio Rodrigues(Grupo Inventivos – SP), Cláudia Mayra (Stultífera Navis – SE). O objetivo foi também procurar atores de diversos locais no país, na tentativa de considerar os diferentes contextos em que suas práticas estão inseridas.

Ao considerar o objeto como fenômeno, inevitavelmente faz-se transparecer certa atitude epistemo-metodológica, bem como se assume um ponto de vista

fenomenológico de ver pesquisa em arte. A partir do contato com idéias relacionadas a essa abordagem em uma aula, promovida pelo grupo de pesquisa AQIS¹, com Elizia Cristina Ferreira², pesquisadora na área da filosofia e que tem como foco a fenomenologia, foi possível revisitar e questionar novamente a postura que estava tendo diante do que busco com os atores e grupos a serem estudados. E uma das premissas fenomenológicas que causou interesse foi com relação ao trabalho sobre a percepção, sobre o que se quer apreender dos fatos, das experiências, ou seja, sobre o olhar de quem constrói a “tese”.

Além de uma abordagem fenomenológica, pertinente também foi a proposta de trazer à discussão o conceito de identidade cultural, que auxiliou muito no entendimento e análise dos estudados, mesmo porque esse conceito diretamente se associa a uma postura fenomenológica com relação ao objeto (ator negro e grupo teatral). Durante o processo de pesquisa, tive oportunidade de viajar para Madrid, e ali entrei em contato com a obra de pesquisador das Ilhas Canárias, que afirma que as imagens artísticas (neste caso a produção e material criativo do ator) podem brindar-nos com um conhecimento inesperado dos mecanismos ideológicos pelos quais o homem e a sociedade se interpretam a si mesmos (ABAD, 2001).

Na tentativa de seguir estes princípios, um dos procedimentos foi levantar materiais referentes à experiência de cada ator, cada qual em seu contexto grupal, porém em relação ao mesmo referente (a negritude). Para isso foram utilizados registros áudio-visuais, como dvd's de espetáculos e informações sobre os grupos, entrevista virtual e presencial, e acervo bibliográfico e virtual (páginas, blogs, artigos virtuais) sobre os atores negros e os grupos estudados.

Outros estudos tomados como base para minhas reflexões foram os esforços de Leda Maria Martins³ e Miriam Garcia Mendes⁴ que realizaram em suas pesquisas uma densa discussão sobre o negro no teatro. Miriam G. Mendes traz em seus livros *A personagem negra no teatro brasileiro* e *O negro e o teatro brasileiro*, um arcabouço analítico e histórico sobre a figura do negro na dramaturgia brasileira. Sendo assim, a autora

¹ Núcleo de Pesquisa sobre Processos de Criação Artística – CEART/UEDESC – Grupo de pesquisa no qual integro desde 2005, e citado com maior propriedade no corpo deste estudo.

² Doutoranda do curso de pós graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Metafísica. Atua principalmente nos seguintes temas: epoque, fenomenologia, Husserl, Merleau-Ponty, irrefletido e reflexão.

³ Pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais. Teórica de grande referência no país ou fora dele. Atua nas áreas de Letras (Estudos Literários) e de Artes Cênicas, com ênfase em teatro, dramaturgia, performance e nas interlocuções entre a literatura e outros sistemas semióticos, dentre eles o teatro, a dança, a música e as performances rituais. Vide currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7677175419649203>

⁴ Foi professora e pesquisadora da ECA – USP. Defendeu dissertação de mestrado (seu orientador foi o professor Dr. Décio de Almeida Prado) e doutorado (orientador foi professor e Dr. Miroel Silveira). Aposentou-se e passou a dar aulas somente na pós-graduação da ECA. Faleceu em 26 de agosto de 1987. (MENDES, 1993.)

propõe outro olhar sobre o teatro neste país, verticalizando e deslocando, portanto, o eixo oficial da história do teatro brasileiro. Suas colocações vieram ao encontro de meu estudo porque ofereceram base fundamental para o entendimento de como foram construídos os discursos sobre o negro no teatro desde o período escravocrata até meados do século XX, base esta que auxiliou na percepção sobre o ator negro nos grupos de teatro da atualidade. Mendes atenta para os estereótipos que constituíram o imaginário sobre o negro no teatro e a relação da dramaturgia com os interesses sociais, vide:

O autor e diretor, então, seriam intermediários, não agentes da ação coercitiva do preconceito, o que não lhes diminui muito, entretanto, a parte de responsabilidade na problemática do negro no teatro brasileiro. Pois a opção que fizeram, consciente ou inconscientemente, na escolha de um tema ou de um trabalho que corresponderia ao que um público (e até uma crítica), condicionado por uma visão estereotipada da sociedade em que vivemos, esperaria deles, poderia significar a exclusão de uma personagem negra e conseqüentemente, a de um ator. E nesse comportamento estaria patente a ação do preconceito de cor, forçando principalmente o autor (e até contra suas convicções pessoais) a discriminar o ator negro, ao negá-lo como personagem. (MENDES, 1993, p. 190)

Com isso, um dos eixos para o contraponto com os dados encontrados neste estudo foi pensar se o estereótipo sobre o negro ainda persiste e como se dá o olhar que estereotipa o negro. Destaco ainda a pesquisa de Leda Maria Martins em *A Cena em Sombras*. A autora faz uma comparação da cena brasileira e o desenvolvimento histórico do teatro negro nos Estados Unidos e examina o que foi produzido nos dois países e como se projetou o problema da negritude. Aponta ainda para algumas possibilidades teóricas e volição crítica desse teatro, e utiliza a teatralidade da cultura negra como um conceito operacional, que se manifesta no teatro em particular e na cultura afro em geral. A obra de Leda Maria Martins auxiliou-me não somente pelo conteúdo tratado sobre o negro, mas também pela forma como ela discute essa problemática e sua postura enquanto pesquisadora. Confirma-se isso quando a autora diz:

O negro, a negrura, não traduz, neste trabalho, a substância ou a essência de um sujeito, de uma raça ou cultura (...) o termo aponta, antes de tudo, uma noção textual, dramática e cênica, representativa. Essa noção recupera o sujeito cotidiano, referencial, como uma instancia da enunciação e do enunciado, que se faz e se constrói no tecido do discurso dramático e na tessitura da representação. (MARTINS, 1995, p. 25)

Essas afirmações reforçaram meu interesse em adotar o conceito de negro e estendê-lo além do entendimento da cor da pele. Quando afirmo 'negro' quero dizer que o conceito engloba as diversas categorias existentes que denominam diferenças de raças no Brasil (mulato, afro-descendente, mestiço, pardo, dentre outros), mas, sobretudo, considerar o aspecto cultural do significado de negritude. Estudar a experiência destes atores em uma perspectiva de Teatro de Grupo (TG) parte do princípio de que neste contexto de TG, onde

os interesses coletivos e individuais se constroem, é que se permite ao ator discutir sua condição e sua prática.

O estudo está estruturado em duas partes. Na primeira parte procurei levantar os motivos pelos quais, na história do teatro brasileiro, atores negros foram reconhecidos em seus trabalhos em meio a um contexto deliberadamente racista do início do século XX, em que o Brasil discutia sua identidade mediante a busca de um “embranquecimento” e uma europeização do país. Período em que se destacou no meio “embranquecido” atores negros como: Grande Otelo, Rosa Negra, Ascendina dos Santos, Abdias do Nascimento, Ruth de Souza e Mário Gusmão. A segunda parte do estudo aborda as experiências dos atores negros contemporâneos. Como se dá seu trabalho de ator, quais suas particularidades e em que medida se dá a relação entre a técnica e seus princípios identitários. Como sua prática dialoga com o coletivo teatral no qual se insere; esta parte se propõe também a fazer apontamentos sobre a corporeidade negra e teatralidade, ou seja, como pensar o corpo do ator, como um corpo cultural (neste caso, do negro) em diálogo com práticas e discursos sobre o trabalho do ator? Por que motivações identitárias da negritude existem e resistem no teatro contemporâneo? Ao fim, o estudo se encerra em uma reflexão sobre o aspecto político de teatralidade, bem como a relação entre ética e o trabalho do ator no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Angeles. *La identidad Canaria em El arte*. Gobierno de Canarias. Centro de La cultura popular Canaria. Canária, 2001.

MARTINS, Leda Maria. *A cena em Sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MENDES, Miriam Garcia Mendes. *O negro e o teatro brasileiro (entre 1889 e 1982)*. São Paulo: Hucitec, 1993.